

Antologia de Contos

Yvisson Gomes dos Santos*

Psicólogo pelo CESMAC/FEJAL. Filósofo pela UFAL. Mestre em Educação pela UFAL. Doutorando em Educação pela UFAL. É professor de Filosofia pela SEDUC/AL.



<https://orcid.org/0000-0002-8798-123X>

Recebido em: 03 out. 2021. **Aprovado** em: 11 jan. 2022.

Como citar este artigo:

SANTOS, Yvisson Gomes dos. 'A ficção do instante', 'Miopia' e 'Boneca de Pano'. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 10, n. 4, p. 296-299, mar. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8367565>

A ficção do instante

Passaria despercebido se não tivesse um olhar melancólico. Tal faceta dava a entender que por trás de uma alma vazia, ainda haveria o melancólico. Saiu de sua casa para tomar uma xícara de café. Arrebatou os sonhos de uma moça que logo vinha e de um transeunte descuidado que tropeçou no chão ao vê-lo. Era um silêncio em meio aos ruídos externos. Mas ele, melancólico, tomou seu café, fez sua missiva do dia e saiu feliz. Apenas sair lhe fazia feliz. Quanto à moça e o rapaz de antes, nada significavam – ciscos que a maresia do mar havia deixado em outro instante. Já agradecia não sabia a quem ou ao quê: talvez a sensação de um mundo sem sonoridade. Dormir, o melhor. São destinos que se entrecruzam na diáspora de um dia de ficção. A música lá fora se resumia em *adágio surdo*, e dentro do olhar melancólico, o *allegro* – paradoxos de uma ficção.

*



yvissongomes@hotmail.com

Miopia [um conto hierático]

Estriadas as partes lisonjeiras, o caos se implantou na terra de Amadeus. Ele não soubera do enxame que vertiginosas espécies anímicas lhe encobriam por ossos e carnes rarefeitas. Aquela sensação de outrora afirmava seu desamor por quem quer que fosse. A libido aviltada e recalcitrante tomava fôlego, gozo, aventura em diários escritos que não o faziam refém de ninguém, mas de si mesmo. Arrotear um sonho em sua memória raquítica não o satisfazia colocar questões insossas em sua órbita – o calor não deixava. Desceu do trem com tantas e tantas questiúnculas que esqueceu seus óculos de grau no assento férreo. Pensava em Marx e na Revolução Industrial, pasmem: ele pensava em desdobramentos e escrevia para sua amada mentalmente. Tantos amores, por que somente ela fora à escolhida?

Era um dia quente de verão, como os dias quentes dos trópicos. Foi-se embora com sua maleta, anos 20 do século passado e voltará o quanto antes: agora como fêmea lasciva. Acreditava em metempsicose, um tolo! Dentro dessa espuma de vibrações e inquietações solapadas em seu universo itinerante, caminhava sisudo. Tinha destino, tinha mulher. Seria mulher em outra vida. Em outra vida.

Nada em hipótese alguma o faria pensar mais do que pensava. Seu caso, agora, era apenas de tomar um sorvete. Sem óculos, chegou à sorveteria da esquina da Rua dos Prazeres e dele fez o seu mundo regelado. Para que pensar mais? Já estava enlutado não se sabia com o quê. Contudo alcançou o morango do sorvete, esfumaçou seus olhos com um olhar de Porcina, e lá se aquietou. Não havia mais calor, apenas o paladar agradável.

Os transeuntes caminhavam ao seu redor, estava com labirintite, talvez. Mas ele possuía sensação de inervação ocular. Ah! Meus óculos de grau – faltava/falava. Entendeu que sumir não seria a solução maquina de seus desejos. Poderia ser carpinteiro, mas não. Poderia ser costureiro como sua avó, mas não. Sua vida, desenxabida, era o trajeto de um míope que vagava pelas ruas após o doce frio-glacial do sorvete de outrora.

Rápido, saiu de sua posição hierática e se fez esfinge de si. O caminho sem a visão o levou a outros locais, sem visão. Anos de 2001. Dias de sol em sua terra sedenta de água. Explodiu-se como um homem retundo. Explosão de sentidos visuais e gustativos. A sua amada

ainda estava em vertigem. Sua sensação doía. Mas queria ser mulher noutra reencarnação. Seria sáfica, mas seria mulher. Seus pensamentos vagavam. Fechou seus olhos e entrou na primeira biblioteca que presumia existir. Pegou um livro egípcio. Viu sua postura hierática. Viu o pintar de traços confusos tais como seu pensamento. Sorriu com tudo isto e após sua passagem rápida naquele recinto humano e literário, retornou ao trem. Lá encontraria seus óculos a tempo de perceber que tudo estava bem. Era um ser otimista e com isso acreditava nesse mundo das certezas em expansão. Pensava: lá verei meus óculos. Já é tempo. E o seu destino começava a partir de então: antes tudo se encontrava pueril, manchado, maculado, subnutrido. Desde aquele momento, tornou-se o outro de si mesmo – fogachos de Amadeus. Meus óculos! Exclamava com contentamento (era o destino).

Boneca de Pano

Dona Zefinha costurava sua boneca predileta. Seria mais que predileta: uma amiga fiel em seus noventa anos incompletos.

Ajustava tudo num lance só: agulhas, roupinhas, olhos de vidro, peruca de Emília.

Tristeza e alegria se consubstanciavam em seu ofício solitário.

– Três horas da manhã estará pronta. Afirmava com louvor. Terminou às seis horas. Sua beleza em pano de algodão teria o nome de Jocasta.

Dona Zefinha amava-a intensamente. Brincava com suas mãos lânguidas.

– Finalmente consegui criar minha boneca de pano. Jocasta será minha irmã do meio: triste e sozinha.

Dona Zefinha não tinha família, estava em um lar de idosos. Quase um hospício.

– Jocasta, minha predileta, sorria para mim.

A boneca de pano, sua companheira obtusa, lhe deu uma piscadela. Dona Zefinha sorriu e cantarolou: amada minha, gentil companheira, pés de menina, coração de anjo, canta comigo!

Numa madrugada, Dona Zefinha se foi. E a boneca de pano ficou ensurdecida. Enlouqueceu a Jocasta.

Houve uma lágrima do coveiro, somente.